

O MOVIMENTO ECUMENICO NOS NOSSOS DIAS

O ecumenismo, um facto irrecusável.

Recentemente(1), o P. Congar, pioneiro no caminho da unidade das confissões cristãs, falava do ecumenismo - "épreuve de l'Eglise".(2) Que significa tal afirmação?

Significa que o ecumenismo, não é apenas um episódio importante e sem continuidade, um sonho grande e sem ligação com a vida quotidiana dos cristãos, uma esperança nobre e sem fundamento sólido. Significa que o ecumenismo entrou, ~~incompreendido~~ na vida da Igreja; agitou ideias, concepções, atitudes; inseriu-se no coração do Povo de Deus e nas normas de vida da Igreja-instituição. O ecumenismo tornou-se - e de forma vertiginosa - "coextensivo a todas as manifestações da vida da Igreja"(3). É hoje parte inerente do Cristianismo, exigência a um tempo da comunidade cristã no seu conjunto e de cada cristão na individualidade da sua vida pessoal.

Esta irrupção do ecumenismo na vida da Igreja é um facto novo. Parece que só no nosso tempo acorda na Igreja a consciência colectiva, imperiosa e forte, do significado das palavras de Cristo:

"Que todos sejam um como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste." (Jo. 17,21)



Parece que só hoje estas palavras são entendidas pelo povo cristão no seu pleno significado; o testemunho da unidade dos cristãos é essencial para a conversão do mundo. Esta afirmação não se compreende não unicamente na evidência do seu contrário, isto é, no reconhecimento prático e doloroso de que as divisões entre os cristãos impedem que o mundo reconheça Cristo e o siga. É mais longe que a oração de Cristo nos conduz: é na unidade, na sua irradiação, nos seus frutos, no seu testemunho, que o mundo pode encontrar razão para a Fé. Em outras palavras: a unidade é anterior à missão e ao apostolado; fundamenta-os, estrutura-os, garante-lhes, ontologicamente, a existência.

Não é rigorosamente "nova" esta verdade - não está ela implícita na maneira como se sucedem as notas características da Igreja no Símbolo dos Apóstolos: Igreja Una, Santa, Católica, Apostólica...? Mas tal verdade doutrínaria tornou-se "nova" na consciência de uma Igreja que, no dizer de João XIII, deixou de ser uma Igreja-em-si para ser uma Igreja-para-o-mundo, Igreja referida aos homens e aos seus problemas, Igreja tomada pela urgência do vasto e complexo mundo a converter.

O ecumenismo é, hoje, na vida da Igreja a exigência do caminho a percorrer para que o mundo acredite em Jesus Cristo. É um grande marco posto no caminho do Povo de Deus em marcha. Uma vez desencadeado ~~como~~ movimento inserido no tempo, não poderá parar. Poderá eventualmente ser retardado, bloqueado na sua evolução, circunscrito nas suas manifestações, mas não poderá deixar de existir. É uma realidade já parte da história, movimento, por sua natureza, irreversível.

É neste seu carácter histórico, irrecusável, que ele é verdadeiramente "épreuve" da Igreja. Porque a Igreja não pode ignorá-lo nem rejeitá-lo mas tem de o assumir em toda a sua vida. Ao reconhecer o ecumenismo como condição para a conversão dos homens, a Igreja

~~o mundo não pode sentir todos os benefícios da sua~~

referida ao mundo não pode senão aceitar todas as consequências da sua dimensão de unidade, sempre existente, mas hoje apreendida e vivida de forma inteiramente original.

É o objectivo deste artigo analisar o ecumenismo como facto, na sua génese histórica e na sua fisionomia actual, e daí deduzir o seu significado na vida da Igreja de hoje. Assim se procurará resolver a afirmação do ecumenismo, "épreuve" da Igreja e se tentará explicitar o seu conteúdo na vida da Igreja do nosso tempo.

A missão na génese do facto ecuménico.

Sabíamos que a unidade era anterior à missão; a história do movimento ecuménico vem provar que a missão requer, de facto, a unidade.

Com efeito, o movimento ecuménico teve a sua origem nas novas Igrejas protestantes, i.é., nas Igrejas dos países de missão. A actividade missionária do mundo protestante começou no sec. XVII com algumas iniciativas esporádicas mas podemos dizer que só no sec. XIX tomou um incremento maciço. Em virtude do conceito protestante de Igreja (a Igreja é feita pelos fiéis e não existe anteriormente a eles) as realizações missionárias não nasciam de um órgão central mas da livre iniciativa de cada Igreja local que enviava para o país de missão clero, leigos, ajuda material necessária. Pela mesma razão, cada nova Igreja imediatamente se autonomizava, dependendo apenas da velha Igreja que lhes dera origem ~~no apoio ecuménico~~. A ausência de qualquer coordenação dos esforços missionários, realizados pelas várias confissões protestantes, cedo levou a uma situação trágica nos países de missão: aí anglicanos, presbiterianos, luteranos, episcopalianos, etc., viram-se anunciando o mesmo Cristo de formas diferentes, dividindo-o de tal forma que o anúncio da Boa Nova se encontrava assim radicalmente comprometido.

Por isso, logo no início do sec. XIX se propunha a realização de uma conferência internacional que podesse estabelecer as condições práticas de colaboração entre as várias Igrejas. Essa conferência só veio, porém, a realizar-se um século mais tarde (em 1910) em Edimburgo.

Pode dizer-se que essa conferência foi o momento histórico decisivo do nascimento do movimento ecuménico. Aí nasceu o Conselho Internacional das Missões, agrupando as novas Igrejas e criando-lhes condições para uma acção missionária mais eficaz. Surgia assim o primeiro órgão de carácter coordenador e centralizador do mundo protestante.

Simultaneamente - e estimuladas pelas novas Igrejas - as velhas Igrejas (Holanda, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos) criaram duas instituições de carácter internacional: "Vida e Acção", destinada a procurar terrenos de acção prática onde os cristãos de várias confissões pudessem colaborar em harmonia, e "Fé e Constituição", órgão de natureza mais científica a quem cabia o estudo dos obstáculos teológicos à unidade. Estas duas instituições tornam-se os pilares do Conselho Ecuménico das Igrejas, órgão centralizador, paralelo ao Conselho Internacional das Missões ao plano das velhas Igrejas, com o objectivo de "descobrir o testemunho comum que as Igrejas podiam dar de Cristo e de promover as iniciativas necessárias para em comum darem esse testemunho ao mundo".

O Conselho Internacional das Missões e o Conselho Ecuménico



das Igrejas desenvolveram durante largos anos uma actividade paralela e, através de contactos continuados e de um confronto estimulante, caminharam para o encontro. Por etapas sucessivas chegou-se em 1961, na Assembleia de Nova Delhi à fusão dos dois Conselhos no que ficou a designar-se como "Conselho Mundial das Igrejas".

A este Conselho pertencem também as Igrejas ortodoxas na sua totalidade. É certo que o movimento ecuménico não teve até há pouco tempo, o mesmo vigor no mundo ortodoxo. Não se lhe pôs, como ao mundo protestante, o problema das divisões na situação missionária. Não deixou de ter influência na sua atitude a índole dos povos em que está enraizado - povos religiosamente caracterizados por uma grande fidelidade às tradições. Em contrapartida, o protestantismo toma corpo em povos cujo temperamento é inovador, transformador, eles próprios fautores do progresso científico e social do nosso tempo.

No entanto, se o mundo ortodoxo não teve a dinamizá-lo no seu interesse pela unidade dos cristãos as consequências do confronto em país de missão, a sua crescente abertura ao movimento ecuménico nos últimos anos não se processou independentemente da missão. Não é demais lembrar que o mundo ortodoxo coincide geograficamente em grande parte com o bloco comunista. Não terá a angústia deste mundo a converter cria do nas Igrejas ortodoxas o desejo da união?

Tampouco o ecumenismo na Igreja Católica é independente da missão. Processaram-se paralelamente na Igreja, durante os últimos 30 anos, uma referência crescente ao mundo e uma abertura constante às outras confissões cristãs.

É certo que a atitude da Igreja Católica perante o movimento ecuménico, originado no mundo protestante, começou por ser de muita reserva. Mas, à medida que a Igreja se tornou presente ao tempo em que vivemos, foi simultaneamente encorajando as iniciativas disper sas que surgiram em vários países.

No decénio 30-40, o Abbé Couturier lançava em França o espírito essencial do ecumenismo com a ideia do "templo invisível", a união de todos os cristãos na oração e no sacrifício pela unidade.

Em 1949, Pio XII com a instrução do Santo Ofício "De Ecclesia Catholica" lançava as bases do ecumenismo na Igreja Católica de forma oficial. Desde então apareceram à luz do dia os movimentos, os grupos, os encontros, que se haviam preparado numa discreta reserva. O próprio Papa estimulou a criação de Chevetogue, a abadia beneditina cuja oração e estudo são inteiramente orientados para o encontro com as Igrejas ortodoxas.

O primeiro acontecimento de grande repercussão foi a criação, em 1952, da "Conferência Católica para as Questões Ecuménicas" que ~~alguns~~ alguns Bispos e teólogos com experiência directa dos problemas ecuménicos. Esta Conferência reúne-se desde a sua criação, uma vez por ano, tomando como tema de estudo os temas que são debatidos nas Conferências de "Fé e Constituição" (a comissão teológica do Conselho Mundial das Igrejas, que já referimos) e levando os resultados desse estudo ao conhecimento do Conselho Mundial das Igrejas.

O trabalho preliminar, não oficial, realizado por esta Conferência, tornou possível a criação, em 1960, do "Secretariado para a União dos Cristãos", nos quadros dos instrumentos necessários ao funcionamento do Concílio Vaticano II.



Os objectivos deste Secretariado foram claramente definidos por João XIII. Em 1º lugar, um objectivo imediato de informação dos não católicos, recebendo as suas sugestões e votos e, se possível, passá-los a outras comissões do Concílio; simultaneamente guiar o Concílio em assuntos teológicos e pastorais que afectem a unidade dos cristãos. Em 2º lugar, um objectivo a longo prazo: ajudar os cristãos não católicos a encontrarem a unidade, vendo o que têm em comum com a Igreja Católica e quais são as suas aspirações e tendências em relação à Unidade.

Coincidiram estes diferentes passos no sentido da unidade e com a descoberta, ao plano da teologia e ao plano da vida, de uma Igreja implantada num meio já não cristão, como fora a sociedade da Idade Média, mas nitidamente pagão. A "situação de diáspora" da Igreja tornou mais clara a existência da "missão" como dimensão essencial da eclesiológica deu à concretização da missão o realismo que ajudou a Igreja a abrir-se ao diálogo com os cristãos separados.

A situação ecuménica actual

Tal como o ecumenismo hoje se desenha - movimento convergente de todas as confissões cristãs para a unidade - ele pode ser encarado como um facto global, transcendendo, em certa medida, as tentativas particulares de cada Igreja. Por esta razão, podemos tentar definir os factos mais significativos da situação ecuménica actual.

Notaremos, em 1º lugar, a presença no "Conselho Mundial das Igrejas" de todas as Igrejas protestantes, anglicanas e ortodoxas, presença tornada completa com a entrada das Igrejas da Rússia, Roménia, Bulgária e Polónia, em 1961. O significado deste facto é imenso para o Cristianismo & existe, pela primeira vez na história, uma instituição cristã que num plano factual se ergue paralelamente à Igreja Católica. De experiência em experiência, se uma assembleia a outra, através de conversações, estudo, diálogo, acção comum, desenha-se no mundo cristão fora da Igreja Católica Romana a fisionomia, ainda difusa mas já reconhecível, de uma "Igreja".

Esta "Igreja" não só existe mas explica-se ^a por si própria. Em 1961 na Assembleia de Nova Delhi o Conselho Mundial das Igrejas adoptou uma descrição de unidade que implica uma definição de Igreja e necessariamente a ela conduzirá.

Como vai esta instituição entrar em relação com a Igreja Católica? É cedo ainda para o sabermos. Até agora, a Igreja Católica tem enviado regularmente observadores qualificados às Assembleias do Conselho Mundial das Igrejas. Será possível um diálogo mais sistemático? De que forma se processará?

A resposta a estas interrogações não é independente dos outros factos mais significativos da situação ecuménica presente.

O outro grande facto do nosso tempo é a realização do Concílio Vaticano II, com a série de actos secundários a que ele tem dado origem e o clima inteiramente novo que tem criado em todo o mundo católico. As duas sessões mostraram como a unidade dos cristãos passou gradualmente, de fim último mas não imediato do Concílio, para o primeiro



plano da maioria das intervenções conciliares. O ecumenismo tornou-se, no próprio desenrolar do Concílio, parte integrante dos princípios norteadores das decisões da grande assembleia da Igreja.

Entre os inumeráveis actos ligados ao clima do Concílio, destacamos no Pontificado de João XIII a Bula Humanae Salutis, de 25 de Dezembro de 1961, estendendo o zelo maternal da Igreja a todos os cristãos válidamente baptizados. Na mesma linha se situa o reconhecimento humilde por Paulo VI, no discurso de abertura da 2ª sessão e no discurso aos observadores, de erros de acção da parte dos católicos no passado.

O encontro recente de Paulo VI com Atenágoras parece introduzir na situação ecuménica um parâmetro inteiramente novo. Não é demais afirmar que se trata de um dos maiores, se não o maior acontecimento do milénio. Abriu caminho a possibilidades novas no diálogo ecuménico e veio pôr em relevo aspectos apenas pressentidos da problemática do ecumenismo.

Os factos citados, a sua interacção óbvia, o significado universal de cada um deles, mostraram-nos que o ecumenismo entrou na história, como facto autónomo bem definido, como realidade inscrita no tempo. Por isso ele pode verdadeiramente considerar-se "um capítulo da história da Salvação". (5)

O ecumenismo, capítulo da história da Salvação

O ecumenismo é um movimento essencialmente histórico, nutre-se da história e nela se inscreve. A sua natureza factual e a sua incorporação, dessa forma, à vida íntima da Igreja, abriram caminho a uma maior sensibilidade aos factos gestos de Deus inscritos na história dos homens.

O facto ecuménico veio dar maior acuidade ao conteúdo central do Cristianismo: o facto histórico de Cristo morto e ressuscitado, continuando no tempo pela actualização do Seu Mistério Pascal. A Igreja toma assim uma consciência renovada de si mesma. Ela é, de forma mais autêntica, o foco da acção sagrada; ela é, de forma mais evidente, o devir histórico do Povo de Deus no seu caminhar para a Jerusalém Celeste.

Esta sensibilização à história, a processar-se no interior da Igreja Católica é um dos elementos mais decisivos na unidade com as outras confissões cristãs.

Com efeito, tem sido um obstáculo ao encontro e à compreensão mutuos o Cristianismo construído à maneira de uma ciência e não com a força vital de um facto histórico. Num artigo recente (6) o Dr. Skydsgaard, presidente da União Mundial das Igrejas Luteranas dizia que há uma espécie de teologia católica que é dificilmente inteligível para os protestantes: aquela teologia que é apresentada como um edifício perfeito de pensamento dedutivo quase lógico, uma espécie de "metafísica sobrenatural". E acentua que só é inteligível para cristãos a teologia histórica, i.e., uma teologia centrada na História da Salvação tal como é revelada no Antigo e Novo Testamento.

O pensamento católico dos últimos anos está cheio da redescoberta deste sentido histórico do Cristianismo, podendo dizer-se que, ao nível dos grandes teólogos, está feita a síntese entre uma teologia



sistemática tradicional e uma teologia bíblica, nova na forma de apresentar a Mensagem Cristã.

A importância desta teologia histórica está de tal forma no cerne do entendimento entre as comunhões protestantes e a Igreja Católica que constitui a parte essencial do diálogo directo entre os observadores e Paulo VI durante a 2ª sessão do Concílio. Em nome dos observadores falou o Dr. Skydsgaard;

"Que me seja permitido assinalar um facto que me parece extremamente importante: penso no papel de uma teologia bíblica que se ~~con-~~ centra sobre o estudo da história da salvação no Antigo e no Novo Testamento. Quanto mais avançamos na compreensão da história secreta e paradoxal do povo de Deus, mais comecemos também a compreender verdadeiramente a Igreja de Jesus Cristo no seu mistério, na sua existência histórica e na sua unidade. Que Vossa Santidade me permita ainda que exprima a nossa viva esperança de que as luzes de uma tal teologia concreta e histórica, isto é, alimentada da Bíblia e do ensino dos Padres da Igreja, iluminem cada vez mais os trabalhos deste Concílio." (7)

A este voto bem claro e explícito, o Papa respondeu:

"O desenvolvimento cujo voto formulastes de uma teologia concreta e histórica, centrada na história da salvação, tem, da melhor vontade, a nossa adesão e a sugestão parece-nos digna de ser estudada e aprofundada." (8)

Como consequência deste reconhecimento de uma teologia histórica, a Igreja aparece-nos cada vez mais claramente definida na sua realidade histórica. Nessa realidade, as definições conceptuais da teologia sistemática requerem um complemento que as explique e fundamente nas condições concretas em que a história se desenvolve, condições muito mais complexas que as do pensamento especulativo.

Esse alargamento da teologia sistemática tornou-se particularmente óbvio no facto novo, produzido durante o Concílio: o reconhecimento de uma certa qualidade de Igreja às outras comunhões.

→ É certo que a Bula *Humanae Salutis* reconheceu já implicitamente essa "qualidade de Igreja" ao afirmar a sua ~~maternal~~ solicitude por todos os cristãos válidamente baptizados, mas não fora até agora explicitamente reconhecida essa qualidade.

Os gestos de Paulo VI na Palestina, visitando em primeiro lugar os patriarcas das Igrejas ortodoxas de Jerusalém, contrariamente ao protocolo do Vaticano, mostram o reconhecimento dessa qualidade da Igreja local e de uma "certa igualdade" entre as Igrejas locais e a Igreja de Roma.

Deve-se este facto, em grande parte, à renovação bíblica da própria Igreja Católica. O pensamento de S. Paulo revela bem a importância das Igrejas locais no embrião institucional da Igreja. Não admira, por isso, que o Papa que tomou o nome do apóstolo dos gentios, tenha querido acentuar, logo no seu discurso inaugural, o significado fundamental das Igrejas locais, ao referir-se à sua "eleição para a Sé de Roma e, portanto, para o supremo pontificado da Igreja Universal." (9)

Este reconhecimento de uma certa qualidade de Igreja às comunhões fora da Igreja Católica levanta questões difíceis. A primeira será esta: significa a utilização do termo "Igrejas", no plural, contrariamente ao que a Igreja sempre defendeu, um reconhecimento da multiplicidade de Igrejas que estariam assim em plano de igualdade? Evidentemente ~~que não. Toda a teologia bíblica nos fala da única Igreja de Deus, e essa~~



que não. Toda a teologia bíblica nos fala da Única Igreja de Deus, Esposa de Cristo, Corpo Místico, Cidade Santa, Templo de Deus. A Igreja é una intrinsecamente ou não é Igreja. Mas - e aí está o paradoxo para nossos olhos humanos - esta Igreja una está de certo modo também presente nas Igrejas reconhecidas como tais.

Como explicar esta aparente contradição? Não poderemos explicá-la por argumentos meramente humanos. Poderemos, por um lado, buscar a justificação no Mistério da Igreja, sinal da Providência de Deus posto no mundo dos homens e muitas vezes incompreensível para os seus critérios e juízos limitados. Mas, por outro lado, temos necessariamente de fazer apelo a outro Mistério, ao "mysterium iniquitatis"⁽¹⁰⁾ presença de um elemento de irracional e de absurdo numa situação em que se sobrepõem a Verdade inteira (neste caso, a essência da Igreja Una) e as consequências da realidade histórica das divisões que não deveriam nunca ter existido.

Estes dois factos - a valorização do caracter histórico do Cristianismo e o reconhecimento, que daí também decorre, de uma certa qualidade de Igreja às comunhões separadas - constituem os marcos fundamentais deste capítulo da História da Salvação que todos os cristãos são hoje chamados a viver.

O ecumenismo, movimento para o encontro de comunhões

Pelo alcance e profundidade dos problemas fundamentais que acabamos de referir se pode concluir que o ecumenismo não é um movimento de aproximação de indivíduos mas é um movimento de encontro de comunhões.

Como vai processar-se este encontro? Basicamente na purificação do Cristianismo de cada comunhão - ~~assim~~ ^{assim} o entendeu João XIII ao estabelecer como primeiro fim do Concílio a renovação cristã e ao fazer decorrer daí a união, como seu fim último. Assim o explica também o artigo ~~citado~~ ^{citado}: "(11)" O ecumenismo abre as Igrejas à acção do Espírito levando-as a uma maior fidelidade a Cristo. Deste modo as Igrejas convergem à medida que se renovam. Não é uma questão de negociações eclesiásticas. É um movimento de renovação evangélica, e à medida que as Igrejas crescem na semelhança com Cristo devem avançar no caminho da unidade."

Essa convergência é hoje já sensível através de alguns índices convincentes. Destacamos em ^{primeiro} lugar o binómio de renovação que todos os teólogos, católicos e protestantes, se comprazem em descrever. Pode ele ser anunciado assim - no caminho que o Espírito Santo suscita para a unidade a Igreja Católica redescobre a Palavra enquanto as comunhões protestantes descobrem a Igreja. Vimos já como esta descoberta da Igreja, sendo seu motor, é também já fruto do movimento ecuménico e como ela introduz um factor novo e de importância fundamental, em todo o desenrolar do movimento para a unidade. No mundo Católico, a redescoberta da Bíblia é um dos grandes sinais de renovação que vem a processar-se há 20 ou 30 anos - atestam-no toda a nova orientação da Teologia, os seminários e círculos bíblicos que se têm multiplicado, as inumeráveis obras que se têm publicado de antropologia, de cosmologia, de sentido da história, de teologia bíblica.

A convergência das comunhões revela-se ainda em outros índices.



Assim, o mundo católico redescobre o sentido eminentemente cristológico do culto, da Liturgia. A Constituição da Sagrada Liturgia foi tornada possível porque o povo cristão, através de múltiplas experiências e realizações no domínio da renovação litúrgica, tomou maior consciência de que toda a vida espiritual e eclesial está centrada no Mistério Pascal de Cristo. Ao mesmo tempo, os protestantes tomam um gosto novo na oração comunitária, reencontram o fulcro do Cristianismo no acto litúrgico.

Enquanto os católicos se apercebem da poeira depositada pelos séculos em muitas das suas instituições e laboriosamente a vão sacudindo, os protestantes reencontram a catolicidade não só no espaço mas também no tempo e a Tradição surge-lhes com uma força e interesse inesperados.

Enquanto os católicos ultrapassam o moralismo para se converterem à Fé no Deus Vivo e redescobrirem assim a qualidade evangélica de muitas das suas instituições, os protestantes descobrem a relação ao Evangelho dessas mesmas instituições (basta pensar não só no próprio conceito de Igreja mas na vida sacramental e na virgindade consagrada, ~~por exemplo~~).

O termo "convergência", se é justamente utilizado no processo que aproxima católicos e protestantes, já não o é tanto no encontro entre católicos e ortodoxos. Neste caso, tudo parece semelhante uma vez que as grandes realidades da vida cristã são comuns. Mas, nessa semelhança, tudo é, ao mesmo tempo, profundamente diferente. A maneira de viver e de ressentir o fenómeno religioso corresponde a duas mentalidades completamente distintas. O patriarca católico Máximo IV, figura que se impôs na 2ª sessão do Concílio, tem procurado mostrar à Igreja Católica como o mundo ortodoxo, sendo oriental, se acomoda mal das nossas categorias mentais, das nossas instituições, do nosso direito de Ocidente e de Ocidente exclusivamente latino⁽¹²⁾. A maneira como se fala das Igrejas Católicas Orientais, reduzindo-as habitualmente ao simples conceito de "ritos orientais" mostra como, na prática, a Igreja Católica ignora toda a forma de pensamento que não se inscreva nas categorias latinas. O encontro de Paulo VI com Atenágoras põe à Igreja Católica uma exigência de vigilância no vocabulário, de alargamento das categorias mentais, de maior elasticidade nas formas de pensar e de falar.

Parece-me fundamental salientar o significado para a missão desta abertura, real e ontológica, quase, aos valores do Oriente. Num mundo em que 53 % da população é oriental e praticamente desconhece Cristo, (só 2% dos asiáticos são cristãos), não é providencial uma abertura da Igreja Católica ao mundo oriental? (Ainda o ano passado os seminaristas e alguns jovens sacerdotes de Tóquio se interrogavam sobre a necessidade de repensarem o Cristianismo em termos inteligíveis para toda a sua tradição cultural⁽¹³⁾). talvez que enquanto o mundo ortodoxo descobre a riqueza da unidade sob o primado de Pedro, a Igreja Católica deva descobrir, a par das suas rigorosas formulações doutrinárias, a "maneira gestual, parabólica"⁽¹⁴⁾ tão na índole dos orientais e de que a peregrinação de Paulo VI foi o exemplo mais alto.
No longo caminho de convergência ou de paralelismo das Igrejas cristãs, o diálogo profundo a estabelecer exige que cedo ou

tarde a pergunta seja feita: "é-se capaz de tomar a sério, em todo o seu significado, cada elemento que integra a nossa Fé?"

Naturalmente muitas interrogações concretas se seguirão a esta. Mas, em vez de as enumerar, gostaria de citar as questões postas à consciência das Igrejas cristãs membros do CMI, por ocasião da Conferência de "Fé e Constituição" em Setembro passado: (15)

a) seremos nós capazes de submeter tudo o que as nossas próprias Igrejas significam para nós e tudo o que compreendemos das outras, ao julgamento de Cristo, Senhor de todos nós?

b) tentaremos compreender a história das outras Igrejas tão profundamente como compreendemos a da nossa própria Igreja?

c) reconheceremos que Cristo chama a Igreja inteira a participar no seu ministério total, de modo a termos assim ~~uma~~ uma visão renovada dos mistérios parcelares?

d) queremos nós, nos nossos actos de culto, procurar aprender das outras tradições o que a liturgia deve ser, actualizando a presença de Cristo em memória, comunhão e expectativa e louvando-O na Glória e no trabalho da Sua Criação?

e) reconheceremos nós humildemente que muitos dos dons de Deus à Sua Igreja não podem ser partilhados por nós nas Igrejas locais até que nos tornemos o único povo de Deus em cada lugar? e estaremos nós preparados para o compreendermos através dos actos conduzidos pela fé viva?

Natureza do movimento ecuménico

Estas perguntas, postas à consciência cristã, mostram a verdadeira natureza do movimento ecuménico, situando-o na esfera que lhe é própria e acima dos preconceitos facilmente criados.

~~Com efeito, o ecumenismo não é mais facilmente compreendermos na sua natureza, é conveniente um certo esclarecimento sobre aquilo que o ecumenismo não é.~~

~~Com efeito,~~ o ecumenismo não é um oportunismo político das Igrejas cristãs. Julgam alguns que, face ao mundo ateu, e sobretudo face ao mundo marxista, as Igrejas para sobreviverem não teriam outro caminho senão o de se agruparem e vencerem a todo o custo as barreiras que as separam. É possível que visto com óculos políticos o ecumenismo se apresente com essa fisionomia, mas julgá-lo assim apenas testemunha a ignorância total quanto à sua génese e aos movimentos que, no interior das Igrejas cristãs, o tornaram possível.

O ecumenismo não é tão pouco o reflexo religioso de certo relativismo ideológico do nosso tempo. É certo que ele supõe uma noção menos cartesiana da Verdade, uma noção mais rica das complexas e múltiplas manifestações da vida dos homens e dos dons de Deus. Mas, tal noção não relativiza a Verdade, antes a torna mais difícil de atingir, infinitamente mais "nuancée" nas afirmações a que dá origem.



O ecumenismo não é tão pouco o epifenómeno da tendência sociológica para a unificação que tem lugar no nosso tempo. Por muito tentadora que seja a aproximação dos dois factos, o ecumenismo não nasce da unificação cultural, económica e política do mundo, embora essa unificação forneça condições excelentes ao movimento pela unidade.

O ecumenismo não é tão pouco o encontro meramente sentimental com que, em países em que as divisões se fazem fortemente sentir, se pretende, por vezes, ultrapassar essas divisões. O ecumenismo supõe, certamente, esse reconhecimento do irmão no irmão separado, mas assenta numa lucidez que se não compadece de razões meramente sentimentais.

O ecumenismo é de natureza essencialmente diferente da de todos os fenómenos apontados.

É, em ^{primeiro} lugar, um movimento espiritual, nasce do Espírito de Deus e dele vive. É uma actividade essencialmente cristã, como o apostolado ou a missão. Sendo espiritual, nutre-se da oração e nela encontra a fonte necessária para todas as audácias e a esperança para todos os interregnos. Só a oração permite à inteligência e à mais alta teologia encontrarem vias de solução que no plano estritamente discursivo pareciam inatingíveis. ~~Quando fala em oração, não fala em "oração pela unidade" no sentido de pedir a Deus que una todos os cristãos. Rezar pela unidade significa menos rezar pela unidade dos cristãos do que pedir a Deus para cada cristão a graça de viver segundo o Espírito que conduz a Sua Igreja.~~

Cada cristão ao encontrar um irmão separado, encontra-o menos como indivíduo do que como representante de determinada Igreja. Para que esse encontro tenha significado ecuménico é preciso que ambos sejam profundamente fiéis à sua própria Igreja e que nela estejam totalmente comprometidos. É por isso que os cristãos sem enraizamento profundo na sua Igreja, cristãos de tradição e sem convicções, cristãos marginais, são perfeitamente inúteis para o movimento ecuménico.

A exigência do Espírito significa ainda outra coisa: exigência de Verdade, não unicamente no sentido de investigação, de estudo (aliás, fundamental) ao nível dos grandes teólogos mas exigência de verdade ao nível dos que pregam, dos que ensinam, dos que dão testemunho... ~~etc.~~, ao nível de todos os cristãos.

E, seria quasi desnecessário dizê-lo, esta procura de verdade realizada não à maneira de monólogo, sob a protecção de uma doutrina secular, mas em constante diálogo, falando e sobretudo escutando. Escutando os outros, e escutando Deus. Insisto de novo sobre a linguagem gestual de Paulo VI - ao receber os observadores ao Concílio, o Papa começou por escutá-los atentamente. Quando se percorre o vasto mundo de hoje e se encontram os homens que sentimos respirarem bem o ar do nosso tempo, uma qualidade comum a todos nos salta à vista: são homens que escutam, que estão atentos aos acontecimentos. São como sensíveis antenas inseridas na cidade dos homens e captando, não num registo eléctrico, mas num coração de homem, tudo o que de significativo acontece no mundo. E não admira que sendo infinitamente pró



ximos dos outros homens, sintonizados com eles nas suas aspirações, procuras, inquietações e sonhos, sejam também infinitamente próximos de Deus, revelando a Sua bondade, o Seu amor em todos os acontecimentos da história. Esses são verdadeiramente discípulos de Cristo que se tornou obediente até à morte. Porque obediente significa justamente "aquele que escuta"...

Por esta disponibilidade fundamental à vontade de Deus, o movimento ecuménico só pode ser realizado num grande espírito de Fé. Quando digo espírito de Fé não quero dizer intransigência num sistema doutrinário ou numa determinada terminologia que sempre associámos, no Ocidente latino, com a Fé cristã, mas quero dizer com o P. Congar, a Fé no seu profundo sentido teológico e bíblico: "a entrega incondicional ao chamamento de Deus, que nos conduz não sabemos onde..."

Por estas condições ^{essenciais} fundamentais, se pode dizer que o ecumenismo exige, neste momento da história da salvação, homens ecuménicos (16) que quer dizer, não se trata apenas do reconhecimento da importância do movimento ecuménico mas trata-se também da disposição psicológica e espiritual que é capaz de se encaminhar por esta via sem perturbação da Fé mais profunda, sem cair no relativismo ou no desânimo fácil... Tem sido sobejamente acentuado por ecumenistas católicos e protestantes que a qualidade ecuménica dos homens envolvidos no movimento ecuménico é fundamental para a unidade dos cristãos. É que o diálogo que não tenha a sustentá-lo esse clima humano poderá cavar ainda mais as divisões, tornando claras as divergências, apenas vagamente pressentidas. Poderá ainda - e está a acontecer em alguns grupos de jovens em certos países da Europa - conduzir a um indiferentismo religioso de graves consequências.

Por isso, o diálogo ecuménico propriamente dito só deve ser realizado em condições que a Hierarquia julgue favoráveis para a verdadeira unidade dos cristãos. Por isso mesmo, o Cardeal Bea, presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, não hesitou em afirmar por duas vezes na 2ª sessão do Concílio que o "movimento ecuménico é, em ^{primeiro} lugar, da responsabilidade dos Bispos, tal como a pastoral e o ensino". (17)

O movimento ecuménico e a missão da Igreja no mundo

Descrevi, até agora, o movimento ecuménico na sua génese e nas suas características no seio das Igrejas. Mas, nascido, como vimos, da problemática posta pelas divisões em países de missão, o movimento ecuménico tem especialmente relação com a situação da Igreja no mundo.

O movimento ecuménico está estreitamente ligado à tomada de consciência de que a Igreja é uma Igreja em diáspora e que de certo modo, ~~como o demonstrou Karl Rahner~~, essa situação de minoridade cristã num meio pagão é inerente à história da salvação. (18) A Igreja que se considera maioria, força dominadora, que quer fazer "cristandade" no sentido medieval do termo, encontra-se, a curto prazo, envolvida nas pequenas questões internas de organização, na rivalidade entre grupos, nas polémicas de escolas de espiritualidade. Nessa Igreja o clero facilmente se burocratiza e os leigos facilmente se tornam ovelhas sem iniciativa, esquecendo que, pelo seu baptismo, foram chamados a constituir "uma ~~peça~~ ~~santo~~, ~~uma~~ ~~raça~~ sacerdotal..."

raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo escolhido" ... (I Ped. 2,9)



Mas quando, pelo contrário, a Igreja é "devorada pelo zelo da casa de Deus" e se sabe, ao menos pela evidência das estatísticas, minoria dispersa no mundo, todas as questões postas pelo mundo moderno assumem para ela uma importância nova. Então a Igreja sente que está posta no mundo para o converter. Então leigos e clero, todos se unem nas mesmas tendências, todos se sentem irmanados na grandeza de uma mesma missão. Então necessariamente é o Evangelho que tudo orienta e nesse regresso ao Evangelho, à Boa Nova do Reino, está o verdadeiro caminho da unidade dos cristãos.

Aliás, a experiência de alguns encontros ecumênicos assim o tem demonstrado. Em reuniões realizadas em Taizé, entre pastores protestantes e Bispos católicos sobre questões de interesse pastoral, verifica-se que os problemas são praticamente os mesmos e que, apesar das grandes e básicas diferenças estruturais entre as várias comunhões, as respostas se encaminham todas no mesmo sentido e têm a norteá-las os mesmos pontos de referência: a Escritura, reinterrogada como norma da acção cristã no mundo.

Não ignoro que, na ordem prática da missão, há ainda numerosos problemas a resolver e que Cristo continua a ser anunciado aos homens, através de estruturas e instituições completamente diferentes. Mas uma consciência aguda das necessidades do mundo e um conhecimento profundo da Escritura e da Tradição podem tornar miraculosamente possível uma acção conjunta de evangelização.

No seu testemunho perante o mundo, no regresso ao Evangelho, o Cristianismo descobre outro valor, todo ele cheio de significado para o movimento ecumênico: a pobreza. A 2ª sessão do Concílio ouviu numerosas intervenções sobre este tema. A redescoberta da pobreza como valor evangélico parece ser um dos grandes dons de Deus à Igreja no nosso tempo. ~~É a única maneira de cuidar o futuro. É o sentido das boas aventuras - aquele estado, aquela situação no mundo que são opostas ao que o mundo considera como felicidade, conforto, riqueza...~~ Não se trata de Igreja-dos-pobres - termo que poderia envolver uma discriminação de sinal contrário ao habitual, mas ainda assim discriminação... Não se trata de Igreja-para-os-pobres - termo que ainda vem cheio de um certo paternalismo, bem intencionado e zeloso, mas já ultrapassado. Trata-se simplesmente de Igreja-pobre. E com esta ideia não se pretende falar de uma revolução a operar na Igreja, como parece ter sido sugerido, - os Bispos deixando a cruz e o anel num açafate junto do Papa e recebendo em troca uma cruz modesta, de madeira... ~~As coisas verdadeiras na Igreja são menos espetaculares.~~ As grandes revoluções na Igreja não se operam com medidas mais ou menos românticas, capazes de dar alimento à imaginação ávida de coisas sensacionais, mas são o fruto de uma longa maturação. Como dizia o então secretário de estado Mons. Montini aos jornalistas: "Para vós, homens da imprensa, o tempo conta-se em minutos. Para a Igreja o tempo conta-se em séculos".

Esta confiança na acção do Espírito traduz-se na qualidade de coração e de espírito que deve caracterizar o movimento ecumênico - a paciência. Não a paciência daquele que, não fazendo nada, espera que as coisas aconteçam; não a paciência de esperar uma data fixa, prevista, cronologicamente determinável, mas a atitude que, em humildade, portanto em verdade e em caridade, lança a semente, certo de



que ela há-de germinar e crescer. A paciência é a confiança na força da semente e nas leis vivas do seu desenvolvimento orgânico, é a capacidade de ser sensível ao valor escondido na semente. É aqui, neste microcosmos, está a chave para o entendimento da dimensão histórica do ecumenismo e da Igreja. Porque acreditar na semente é acreditar também nas forças germinativas que constroem a história por dentro e lhe dão significado e vida. Nesta atitude se encontram e se fundem o homem de Igreja inserido no mundo, aberto ao coração gigantesco da história e atento ao seu pulsar, e o homem de Igreja, todo interior, aberto e atento à moção do Espírito no seu próprio coração

O ecumenismo e os cristãos em Portugal

→ Tudo o que acabo de dizer pode parecer, à primeira vista, longínquo, dada a situação peculiar do Cristianismo em Portugal. Os protestantes constituem uma pequeníssima minoria e, o que é mais importante, ~~raras pertencem às grandes confissões membros do CMI, pois a maioria pertence a seitas e não às comunhões.~~ Poderá assim parecer que o movimento ecuménico é uma realidade que só muito remotamente nos diz respeito.

x que fazem parte do CMI

Ora, em ^{primeiro} lugar, o ecumenismo é hoje uma dimensão da Igreja universal e não pode por isso ser ignorada por nenhuma parcela dessa Igreja. De resto, mesmo que a ignorância seja muitas vezes um facto, a Igreja Universal, e todas as suas dimensões estão presentes em cada Igreja local: presentes na celebração dos Mistérios pela Liturgia e presentes através do Bispo, pelo laço de colegialidade com os outros Bispos em relação a toda a Igreja.

Em ^{segundo} lugar, não são só ecuménicos os actos em que um diálogo com cristãos de outras confissões se estabelece. São também ecuménicos todos os actos que exprimem autenticidade de vida e de comprometimento cristão, na linha dos valores que acentuei ao longo desta exposição.

Aprofundamento do conteúdo da Fé cristã, renovação bíblica e litúrgica, não só nos seus elementos exteriores mas nas suas raízes profundas... Celebração mais autêntica e digna dos Sacramentos, primado dado à actualização do Mistério Pascal de Cristo no Sacrifício Eucarístico sobre todas as outras devoções... Celebração do Sacrifício e participação nele de acordo com as disposições da Constituição sobre a Sagrada Liturgia.

Oração mais alimentada da Bíblia e centrada na Liturgia, como instantaneamente o recomendava João XIII, convicto de que é impossível os cristãos mergulharem por um lado, em S. Paulo e S. João e, por outro inspirarem-se em certas devoções habituais...

Atitude cada vez mais cristã, mais evangélica perante o mundo, os acontecimentos do mundo, a ordem temporal...

Os momentos da história não são estanques. De cada vez que, por ignorância, negligência, ausência de Fé autêntica, contribuímos para se criar à nossa volta o clima que tornou possível a rotura do Oriente ou a rotura da Reforma, tornamo-nos coresponsáveis pela divisão. Pelo contrário, de cada vez que a nossa atitude é mais profundamente cristã e evangélica, e de tal maneira que se essa atitude de tivesse sido geral a rotura se teria evitado, nós estamos, de forma misteriosa embora, a ultrapassar as divisões e a caminhar para a unidade. (19)



É possível que, dado o nosso temperamento português, o movimento ecumênico apareça com o cunho de novidade, de uma certa revolução na Igreja. Ora só aquele que pela ^{primeira} vez se dá conta destas questões é que encontrará novidade fundamental na atitude da Igreja de hoje. No fundo, o que hoje se passa insere-se na tradição e foi tornado possível pela história da Igreja nos últimos decênios. É por isso que nem os inovadores de profissão nem os conservadores de temperamento podem verdadeiramente entender e viver o movimento ecumênico: porque o movimento ecumênico, exigindo a renovação mais radical, se processa simultaneamente na fidelidade mais inteira.

Assim se pode afirmar com o P. Congar que "A unidade não será a vitória confessional de uma Igreja que sem mudar nada no seu seio assimilaria a si as outras Igrejas; embora a unidade deva realizar-se na continuidade apostólica da Igreja Católica, ela será a vitória de J.C., vitória da plenitude do Evangelho sobre as Igrejas, que terão reconhecido essa plenitude à medida que tiverem aprofundado a sua Fé". (20)

É nesta vitória de Jesus Cristo que será tudo em todos, que esperamos e acreditamos. É por isso que o movimento ecumênico nos deve encontrar prontos para a renovação evangélica que a Igreja do nosso tempo realiza. Então, poderemos dizer com Paulo VI, em Nazaré:

"Bemaventurados seremos se, por causa do Reino de Deus, soubermos, no tempo e para além do tempo, perdoar e lutar, agir e servir, sofrer e amar."

Fundação Cuidar o Futuro



NOTAS

- (1) conferência promovida, em 19 Jan. 1964, pelo Centre Catholique des Intellectuels Français, sobre o tema "Exigências actuais do ecumenismo".
- (2) expressão usada originariamente pelo teólogo suíço Hans Küng no seu 2º livro sobre o Concílio "Le Concile, épreuve de l'Eglise", Ed. du Seuil, 1963
- (3) Congar, Y.-M.
"Le Concile au jour le jour"
Ed. du Cerf, 1963
- (4) Rahner, Karl
Mission et grâce
1962, ~~Mame~~, pg. 26 seg.
- (5) Congar, Y.-M.
Aspectos de l'oecuménisme
Col. "Etudes religieuses"
- (6) Dr. Skydsgaard
"Why Lutherans must talk with Rome"
in "Dialog", Summer 1962
- (7) Documentation Catholique, Dez. 63
- (8) ~~idem~~ Fundação Cuidar o Futuro
- (9) discurso da eleição de Paulo VI,
"selecção documental", nº 63
- (10) tese desenvolvida largamente no artigo:
Gregory Baum
"The Ecumenist", dez. 1963
- (11) ~~idem~~
- (12) Patriarca Maximo IV
"Orient Catholique et Unité Chrétienne"
Conferência pronunciada em Dusseldorf, 9 Agosto 1960
- (13) "*Naturaliser le christianisme?*"
Informations Catholiques Internationales, 1 Junho 1963, pg. 17-29
- (14) Congar, conf. citada
- (15) Ecumenical Notes, vol. II, nº 7
ed. Grail Ecumenical Committee
- (16) Congar, conf. citada
- (17) Documentation Catholique, 19 Jan. 1964, col. 151



- (18) Rahner, Karl, op. cit., pg. 22 sgs.
- (19) Congar,
Aspects de l'oecuménisme, op. cit.
- (20) Congar
idem

Fundação Cuidar o Futuro

